

As ideias acerca do Ser Professor e da docência dos acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Química do Campus Professor Alberto Carvalho – UFS

A. P. F. Jesus¹; E. T. Lopes²

¹Curso de Licenciatura Plena em Química, Universidade Federal de Sergipe, 49500-000, Itabaiana-SE, Brasil

²Departamento de Química, Campus Itabaiana, Universidade Federal de Sergipe, 49500-000, Itabaiana-SE, Brasil

alyson.passos@live.com;

(Recebido em 10 de dezembro de 2012; aceito em 25 de março de 2013)

O presente trabalho buscou conhecer as representações acerca das ideias do “ser professor” dos acadêmicos ingressantes no semestre 2012/2 do curso de Licenciatura em Química do Campus Professor Alberto Carvalho. O uso da pesquisa qualitativa foi feita por meio de coleta de dados junto a dezenove desses alunos que responderam a um questionário. Os dados foram interpretados através da análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa demonstram que a maioria dos alunos afirma se identificar ou possuir afinidade com a área da química, porém poucos demonstram ter escolhido o curso com o interesse em se tornarem professores. Sobre o ser professor, observamos uma idealização do que seria a profissão e o interesse em atuar na área.

Palavras-chave: Docência, ser professor, química.

The ideas about Being a Teacher and teaching from the students of Full Degree in Chemistry from the Campus Professor Alberto Carvalho - UFS.

The following work was aimed to know the representations concerning the ideas about "being a teacher" from the academic beginners in the 2nd semester of the 2012 Chemistry Bachelor's degree from the Professor Alberto Carvalho Campus. The qualitative research usage was made by data which were collected by nineteen of these students who answered to a survey. The data were taken through a content analysis. The research outcome shows that most students affirm to relate to or get affinity with the chemistry area, although, few of them show that they have chosen this course with the intention of becoming Professors. About being a teacher, we have seen an idealization of what could be the occupation and the interest of working in this area.

Keywords: Teaching, being teacher, chemistry.

1. INTRODUÇÃO

As ideias acerca do ser professor se relacionam à vida dos graduandos em licenciatura antes mesmo de adentrarem a Universidade ^{1, 2 e 3}. Os conceitos, muitas vezes simplistas, que esses indivíduos absorvem ao longo da sua vida escolar, são levados para o Ensino Superior e muitas vezes acabam por reproduzi-los em sala de aula, por não reconhecerem ou modificarem essas concepções, mesmo tendo discutido, no decorrer do seu curso, diferentes aspectos sobre o processo de construção da identidade docente ^{2, 3, 4 e 5}.

Para Maldaner (1999), a ideia do “ser professor” nasce do contato que o indivíduo faz com seu primeiro professor na educação elementar e posteriormente essa ideia evolui para o “ser professor de química”, sendo assim, o contato com antigos professores, desde as séries iniciais, vai formando no indivíduo uma imagem do que é ser professor.

Em sua pesquisa ⁶, Catani, Bueno e Sousa (2000) buscam apresentar e discutir as relações que alunos e professores mantêm com a escola e as impressões que ficam na vida dos alunos decorrentes do ingresso na escola e do contato com seus antigos professores. Segundo as autoras, “abordar o tema da identidade implica necessariamente falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo” (CATANI *et al.*, 2000, p. 167).

Quadros et al. (2005) aponta em sua pesquisa que as ideias acerca do “ser professor” que os alunos trazem consigo são influências de professores que fizeram parte da sua formação e que tais influências podem refletir na opção pelos cursos de licenciatura e até mesmo na postura desses futuros professores em sala de aula. O estudo realizado pela autora com os alunos de Licenciatura em Química da UFMG buscou levantar dados sobre as principais características dos antigos professores que esses alunos lembravam, como essas características influenciaram na formação dos futuros profissionais e como isso se refletia em sala de aula. Através dessa pesquisa, foi observado que muitos dos alunos entrevistados já incorporavam, ou ao menos desejavam incorporar, características muito semelhantes às de seus professores de memória.

Um estudo semelhante foi realizado com as primeiras turmas dos Cursos de Licenciatura em Química e em Geografia, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho⁷. Um dos objetivos desse trabalho realizado por Lopes et al. (2008b) foi explicitar os professores de memória dos acadêmicos, compreender o porquê de esses professores permanecerem em suas memórias, quais características desses professores gostariam de incorporar e identificar se esses professores influenciaram na opção pelo curso. Os resultados da pesquisa levaram em conta os aspectos positivos e negativos que faziam com que os alunos se lembrassem dos professores.

Nessa pesquisa, Lopes et al. (2008b) apontou um resultado semelhante à pesquisa de Quadros et al. (2005) no que diz respeito às características referenciadas pelos alunos de ambos os cursos, quando eles falavam dos seus professores de memória. Os professores que mais marcaram esses alunos, em geral, possuíam uma metodologia de ensino diferenciada e cultivavam a relação professor-aluno não só em sala de aula, mas também fora dela. Entretanto, os resultados apontam que apenas os alunos do curso de Licenciatura em Geografia foram influenciados por seus professores na escolha pelo curso, o que levou os autores a refletir sobre os possíveis motivos que levaram os professores a não incentivarem os alunos a ingressarem no curso de Licenciatura em Química, que podiam

[...] ir desde o desgaste emocional e pessoal em vista das más condições de trabalho, baixos salários, baixa auto-estima e, conseqüentemente, desejo de abandono ou afastamento da atividade docente e o aumento do descontentamento com a profissão [...] (LOPES et al., 2008b, p. 07).

A pesquisa de Lopes et al. (2008b) revela que, mesmo não sendo influenciados pelos professores de química a se tornarem também professores, os alunos do curso de Licenciatura em Química mostram, assim como os do curso de Licenciatura em Geografia, intenção de adotar as mesmas características positivas à sua atividade docente, cultivando as relações professor-aluno e trabalhando novos métodos pedagógicos, de forma a melhorar o ensino. Observa-se, então, que, ao entrar num curso de licenciatura, o indivíduo traz consigo concepções pré-formadas do que é ser professor e do que é a docência, por ter, em suas memórias, alguma(s) impressão(ões) deixada(s) por professor(es) que já tenha(m) passado em sua vida acadêmica e isso pode influenciar, direta ou indiretamente, na opção que esse aluno faz pelo curso de licenciatura ou na sua prática docente.

Alguns estudos apontam que a construção da identidade docente é um processo complexo e pessoal, por isso se faz necessário refletir sobre as visões que se tem sobre a docência, investigar a própria prática, repensar atividades e metodologias, (re)construir as ideias em torno do que é ser professor^{2,4}.

Em seus trabalhos, Maldaner (1999; 2006) afirma a importância da ruptura dessas ideias iniciais, através de pesquisas que incentivem a transformação dos currículos dos cursos de licenciatura, pois é durante a formação dos professores que se deve refletir sobre essas concepções; além disso, o autor relata a importância da formação continuada dos professores.

A respeito das modificações dos currículos das Licenciaturas no Brasil, Echeverría e Zanon (2010) apontam⁵ que não basta apenas modificar o esquema 3+1 de ensino, é preciso também refletir sobre as modificações que estão sendo realizadas no currículo dos cursos de licenciatura em química, acrescentando-lhes:

[...] estudos sobre a profissionalização do trabalho docente, a natureza do conhecimento científico, o papel da experimentação no ensino de Ciências, o papel da ciência e da educação científica na sociedade, os fundamentos da elaboração curricular, entre outros (ECHEVERRÍA; ZANON, 2010, p. 27).

A formação continuada de professores pode e até deveria ser realizada em grupo, permitindo aos profissionais docentes superar o modelo tradicional de ensino, investigando sua prática, fazendo da pesquisa e do ensino complementos para reconstruir suas ideias sobre ser professor e com isso aprimorar sua metodologia. É através da prática que a teoria ganha forma, ganha sentido, podendo, assim, progredir transformando o pensamento pedagógico. E é durante os cursos de formação de professores que se deve promover a ruptura dessas ideias simples e iniciais acerca do “ser docente” através da pesquisa de novos processos de ensino e aprendizagem^{1, 8 e 9}. Nesse sentido, Lima (1996) relata que “o trabalho em grupo alimenta e reafirma a validade de assumir atitudes que se contraponham às tradicionais práticas de ensino baseadas no modelo de transmissão-recepção” (LIMA, 1996, p. 14).

Baseados nessas pesquisas e discussões, o presente trabalho buscou conhecer as representações acerca de aspectos ligados às ideias do “ser professor” e da docência dos acadêmicos ingressantes no semestre 2012/2 do curso de Licenciatura Plena em Química do Campus Prof. Alberto Carvalho. Este projeto começou a ser desenvolvido por meio do Programa Especial de Inclusão em Iniciação Científica (PIIC) em parceria com os projetos de Química do PIBID e PRODOCÊNCIA do Campus de Itabaiana. Acreditamos que esta pesquisa permitirá reflexões que possibilitem a compreensão do processo de construção da identidade docente desses acadêmicos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho teve como referência metodológica a pesquisa qualitativa¹⁰, por permitir uma melhor compreensão do contexto do problema a ser estudado, de modo que nos fosse possível acompanhar as etapas da pesquisa e compreender o processo de construção da identidade docente do nosso grupo de informantes.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 1).

Partindo de leituras a respeito da construção da identidade docente, elaboramos um questionário semiestruturado para conhecer e analisar o assunto. Em sua estrutura, o questionário possuía três pontos principais, que serviriam como norteadores para analisarmos os dados, sendo tais pontos sobre Identificação, Licenciatura e opção pelo curso e Sobre o ser professor.

As questões sobre Identificação serviram para analisar o perfil dos informantes. Por meio dessas questões coletamos dados sobre idade, sexo, definição étnico-racial, ano de conclusão do ensino médio, moradia, etc.

Os informantes respondiam livremente sobre os motivos de sua escolha pelo curso de Licenciatura em Química e suas expectativas em relação ao mesmo quando perguntados a respeito do eixo norteador Licenciatura e opção pelo curso.

No ponto sobre o Ser professor, foram solicitadas respostas para as seguintes perguntas: “O que é ser professor(a)?”; “Você pretende ser professor(a) após a conclusão do curso? Por quê?” e “Em sua opinião, que tipo de professor(a) você acha que será?”.

Os informantes da pesquisa foram os alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Química do período 2012/2. O questionário foi aplicado antes desses alunos cursarem as disciplinas do primeiro semestre do referido curso.

Sendo assim, para a coleta de dados, aplicamos o questionário a 19 desses alunos ingressantes, que participavam do curso de nivelamento, que é ofertado no Campus de

Itabaiana, antes do ingresso desse aluno no curso em que ele se matriculou. O curso de nivelamento não é obrigatório, nem faz parte da grade curricular do aluno, mas serve para auxiliá-lo na familiarização de alguns assuntos da área de exatas.

As respostas desses questionários nos permitiram traçar um perfil desses informantes, identificar as visões que esses acadêmicos possuem acerca do curso de Licenciatura em Química e do ser professor.

Os dados obtidos junto aos alunos ingressantes foram interpretados por meio de análise de conteúdo. Segundo Bardin¹¹, através desse tipo de análise, podemos agrupar as respostas semelhantes em categorias e identificar o número de inferências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos Ingressantes

Sobre o perfil desses alunos, constatamos que dos 19 informantes, 12 são mulheres. Com relação à idade, os dados revelam que os informantes são jovens, com faixa etária entre 16 e 22 anos, sendo que 13 deles apresentam idades entre 16 e 19 anos. Podemos observar que pouco mais da metade desses alunos concluiu o Ensino Médio nos anos 2010 (5) e 2011 (9). Tal fato explicaria o ingresso de alunos tão jovens no semestre 2012/2. Observa-se que 17 desses alunos não trabalham e dentre esses 17, nenhuma das mulheres trabalha.

Tais dados referentes à faixa etária e empregabilidade dos alunos se assemelham aos dados encontrados na pesquisa realizada com os ingressantes da primeira turma do curso de Licenciatura em Química do Campus Professor Alberto Carvalho³. Verificamos, então, que são ingressantes jovens, recém-concludentes do Ensino Médio e a maioria deles não possui um emprego, por isso depende financeiramente da família, principalmente as mulheres. O fato de o curso de Licenciatura em Química ser ofertado no período vespertino pode dificultar o ingresso de alunos que necessitem trabalhar.

Sobre definição étnico-racial, os dados apontam que do total de alunos participantes da pesquisa, 11 se declararam pardos, 4 se declararam brancos e 1 se declarou negro, enquanto 3 alunos não informaram nenhum dado a respeito. Quando questionados se adentraram a Universidade pelo sistema de cotas, 11 informaram que sim, sendo que 2 adentraram pelo Grupo B e 9 pelo Grupo C. O sistema de cotas foi implantado na Universidade Federal de Sergipe no Processo Seletivo Seriado (PSS) 2010, abrangendo quatro grupos. O grupo A corresponde aos alunos que não fazem a seleção através das cotas. Sendo assim, apenas os grupos B e C são destinados aos alunos oriundos da escola pública. O Grupo C é destinado apenas para aqueles que se autodeclararam pardos, negros ou indígenas. Também há uma vaga por curso para o grupo D, que é destinado aos Portadores de Necessidades Especiais.

Tabela 1: Identificação do perfil do aluno ingressante no período 2012/2.

Categoria	Sub-Categoria	Sexo		TOTAIS	%	
		Masculino	Feminino			
Idade	16 - 19 anos	4	9	13	68,4	
	20 - 22 anos	3	1	4	21,1	
	Não informou	-	2	2	10,5	
Concluiu o Ensino Médio no ano	2009	-	1	1	5,3	
	2010	1	4	5	26,3	
	2011	3	6	9	47,4	
	Não informou	3	1	4	21,1	
Trabalha	Sim	2	-	2	10,5	
	Não	5	12	17	89,5	
Definição Étnico - Racial	Negro	1	-	1	5,3	
	Branco	2	2	4	21,1	
	Indígena	-	-	0	0,0	
	Pardo	3	8	11	57,9	
	Não informou	1	2	3	15,8	
Ingressou na Universidade através de cotas?	Grupo A	2	6	8	42,1	
	Grupo B	1	1	2	10,5	
	Grupo C	4	5	9	47,4	
Moradia	Itabaiana	Cidade	-	5	5	26,3
		Povoado	-	2	2	10,5
	Aracaju	Cidade	1	-	1	5,3
	Outra	Cidade	4	4	8	42,1
		Povoado	2	1	3	15,8
Religião	Católica	5	12	17	89,5	
	Não informou	1	-	1	5,3	
	Nenhuma	1	-	1	5,3	
Total	Homens e Mulheres (respectivamente)	7	12			
%		36,8	63,2			

Quanto à moradia, é possível observar que 18 (94,1%) desses alunos informantes residem na cidade de Itabaiana ou em alguma cidade próxima, sendo que 7 (36,8%) residem na cidade de Itabaiana e 11 (57,9%) em cidades vizinhas. Isso significa que a maioria dos alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Química, ofertado em Itabaiana, provém de Itabaiana e região, que estão situadas no Agreste Sergipano. Quando comparamos esses dados aos encontrados por Lopes (2008a), percebemos que a percentagem de alunos do curso de Licenciatura em Química do campus Professor Alberto Carvalho provenientes de Itabaiana e região aumentou nos últimos anos. O percentual desses alunos era de 71% no ano de 2006, o que para a autora, vinha “ao encontro dos objetivos de criação do Campus de Itabaiana: atender a população do Agreste Sergipano” (LOPES, 2008b, p. 143).

No que diz respeito à religião, 15 alunos afirmaram ser católicos, 1 não possui nenhuma religião e 1 não informou dado a respeito. Segundo o censo IBGE 2010, embora o número de

católicos tenha caído em todo o país e tenha havido um aumento do número de evangélicos, espíritas e sem religião, a população de católicos ainda é maioria no estado de Sergipe.

3.2 Opção pelo Curso

As respostas à questão “Por que optou pelo curso de licenciatura em Química?” foram agrupadas nas seguintes categorias: Área de conhecimento; Idealização; e Atuação profissional. A mais citada pelos alunos informantes foi a opção relacionada à área de conhecimento (17). Apresentam o mesmo número de inferências (5) as respostas à opção relacionada à idealização e atuação profissional.

Dentro da categoria relacionada à “Área do conhecimento” estão dispostas quatro subcategorias: Identificação com a área; Afinidade com a área; Adaptação/Facilidade com a área; Aptidão.

Tabela 2: Opção pelo curso de Licenciatura em Química.

Categoria	Sub - Categoria	Frequência	Fr Total
Relacionada à área de conhecimento	Identificação com a matéria	7	17
	Afinidade com a matéria	7	
	Adaptação / Facilidade	2	
	Aptidão	1	
Idealização	Idealização do Curso	4	5
	Idealização da Química	1	
Atuação Profissional	Desejo de Ser Professor	2	5
	Oportunidade de Emprego	2	
	Transmitir/Passar	1	

Grande parte dos alunos afirma que tem identificação ou afinidade com a matéria da química, aparecendo 07 inferências em cada subcategoria e sendo esses os principais fatores apontados como justificativa pela escolha do curso de Licenciatura em Química. Através disso, podemos supor que o contato desses alunos com a disciplina de química no Ensino Médio influenciou, direta ou indiretamente, o interesse desses alunos pela área da química. A aluna AF1 deixa claro essa identificação em sua fala: “Me identifiquei muito com a matéria” (AF1, 2012), isso demonstra que, ao longo do Ensino Médio, ela se interessou pela área da química. Entretanto, não podemos dizer ainda se esse interesse, classificado pela aluna como identificação com a matéria de química, provém da relação professor/aluno em sala de aula.

Na categoria “Idealização”, foram criadas duas subcategorias: Idealização do curso e Idealização da química. A primeira subcategoria foi mais citada, com 4 inferências. A fala de alguns alunos demonstrou a visão que os mesmos têm sobre o curso de química. Isso se apresenta na fala da aluna AF3: “Por ser um curso dinâmico” (AF3, 2012). A aluna AF16, além de trazer uma idealização do ensino médio, sobre o que seja o curso, classifica a área da química como uma área interessante por usar laboratório: “Desde o ensino médio que me identifiquei com o curso, além disso, é uma área que utiliza laboratório que acho muito interessante” (AF16, 2012).

Essa inferência sobre o que é o curso de química pode ser fruto das atividades que a universidade desenvolve para e nas escolas da região, tais como palestras, o projeto Oficinas de Ciências, Matemática e Educação Ambiental (OCMEA), as Olimpíadas Sergipanas de Química (OSEQUIM), as ações do PIBID e PRODOCÊNCIA e/ou a atuação dos universitários nas escolas através dos estágios. A fala do aluno AM4 também demonstra essa idealização da área da química e o contato com atividades diversificadas durante o ensino médio: “Porque acho a química linda, principalmente na parte dos experimentos. Digo isso porque já fiz alguns experimentos no ensino médio” (AM4, 2012).

Esses alunos demonstram uma visão estereotipada da química como ciência voltada a práticas de laboratório, à experimentação, deixando claro ser esse o atrativo da área.

[...] esta idéia, que atribui a essência da atividade científica à experimentação, coincide com a de “descoberta” científica, transmitida, por exemplo, pelas histórias em quadrinhos, pelo cinema e, em geral, pelos meios de comunicação, imprensa, revistas, televisão (Lakin e Wellington, 1994 *apud* GIL PÉREZ et al. 2001).

Entretanto, vale explicitar que a maioria dos alunos afirma se identificar ou possuir afinidade com a área da química, mas não se reportam especificamente à licenciatura. Esses dados sugerem a seguinte indagação: O curso de Licenciatura em Química foi a primeira opção? Ou foi a opção que mais se aproximou da área de interesse do aluno (bacharelado)?

A categoria “Atuação profissional” foi agrupada em três subcategorias: Desejo de ser professor; Oportunidade de emprego e Transmitir/Passar. Nas respostas desses alunos, percebemos que há alguns que apontam o desejo de se tornarem professores e a partir disso justificam a sua escolha pela área da química.

A fala da aluna AF10 ilustra essa concepção: “Eu sempre quis ser professora e escolhi a química por me identificar com a disciplina e devido o mercado de trabalho, que está melhor para área de ciências exatas” (AF10, 2012). De acordo com essa fala, verificamos que há inicialmente um desejo em ser professora e após isso a aluna justificou a escolha pela área da química por se identificar com a disciplina e por acreditar que há mais oportunidades de emprego na área de ciências exatas. A aluna AF15 também demonstrou desejo em se tornar professora, entretanto justificou a escolha pelo curso de química apenas por gostar da área: “Por que desde pequena queria ser professora e gosto de química” (AF15, 2012).

Nesse sentido, vemos que esse desejo de ser professor está presente nesses alunos desde muito cedo, proveniente, possivelmente, da interação desse aluno com algum professor, no caso os professores de química. Isso evidencia que a construção da identidade docente é um longo processo, marcado por impressões que ficam na vida desses acadêmicos e futuros professores e que, ao longo da sua história, tais impressões e concepções vão se modificando^{1, 2, 3, 6}.

Com base nesses dados, constatamos que, para a maioria desses alunos, a opção pelo curso está relacionada primeiramente à área da Química, não optando, inicialmente, por ser professor de Química.

3.3 Expectativas em relação ao Curso

Quando questionados a respeito de “Quais suas expectativas em relação ao curso de licenciatura em Química?” foi possível agrupar as respostas em quatro categorias: Formação; Expectativas em relação ao Curso; Atuação Profissional e Sociabilidade. A categoria mais citada pelos informantes foi em relação à formação (12), a categoria “Expectativas em relação ao Curso” teve nove inferências e a categoria “Atuação Profissional”, seis.

Tabela 3: Expectativas em relação ao curso de Licenciatura em Química.

Categoria	Sub-Categoria	Frequência	Fr Total
Formação	Aprendizagem	8	12
	Pesquisar	2	
	Concluir o Curso	1	
	Especialização	1	
Expectativas em relação ao Curso	Aulas de Laboratório	3	9
	Visão Positivista	3	
	Êxito	2	
	Dificuldades	1	
Atuação Profissional	Exercer Profissão	3	6
	Transmitir	2	
	Oportunidade de Emprego	1	
Sociabilidade	Conhecer Pessoas	1	1

Com base nessas respostas, observamos que, na categoria “Formação”, a “Aprendizagem” teve quase setenta por cento das inferências (8 de 12 inferências). Assim, esses alunos relacionaram suas expectativas à aprendizagem obtida durante o curso. Constatamos na fala desses alunos o anseio em aprender mais sobre a área escolhida, como é o caso da aluna AF1: “Aproveitar bastante e aprender tudo que estiver ao meu alcance” (AF1, 2012).

A aluna expõe que irá se esforçar ao máximo para aprender tudo o que estiver ao seu alcance, demonstrando, assim, a possibilidade de aprender durante o curso tudo sobre ser professor. Entretanto, sabemos que a construção da identidade docente se faz não só como aluno em sala de aula, aprendendo conceitos teóricos sobre práticas pedagógicas e metodologias de ensino, mas também na vivência, na prática da sala de aula como educador^{2 e 7}.

Alguns alunos justificam o porquê desse anseio em aprender, como é o caso do aluno AM5 que afirma possuir a expectativa “De obter um bom aprendizado para que eu possa passar a meus possíveis alunos” (AM5, 2012). Observamos que o aluno demonstra sua vontade em aprender para poder passar para seus alunos. Verificamos que ele enxerga em si mesmo um transmissor de conhecimento. A partir disso, podemos inferir que, para esse aluno, ser professor é uma questão de passar adiante o que aprendeu e que essa resposta corresponde à visão de que o ensino está atrelado ao modelo tradicional, pelo qual o professor expõe o assunto e o aluno o absorve.

Outros alunos demonstram interesse nas aulas laboratoriais, como é o caso de AF11, que, além de citar seu interesse em experimentos, visualiza a chance de trabalhar na área:

[...] Uma grande oportunidade de trabalho e o curso é maravilhoso, pois pode trabalhar com experiências e com essas poder inovar na sala de aula [...] (AF11, 2012).

Vemos mais explicitamente essa ansiedade com relação às aulas laboratoriais, na fala do aluno AM13: “Espero me sair bem nas matérias, e com expectativas nas aulas de laboratório” (AM13, 2012). Isso reforça a ideia de que os alunos possuem uma visão estereotipada da ciência Química e que essa associação que se faz entre química e experimentos pode ser o atrativo do curso.

Embora pouco citado, alguns alunos expressaram suas expectativas em relação à exercer a profissão docente, como no caso do aluno AM17: “Espero aprender mais e mais com os professores, ter uma boa base porque almejo ser professor e passar boa parte da minha experiência para os alunos que irei ensinar” (AM17, 2012). Ao exercício da profissão faz referência também a aluna AF16: “Desejo adquirir conhecimentos para no futuro exercer minha profissão e ser uma excelente profissional” (AF16, 2012). Partindo da fala do primeiro aluno, vemos uma preocupação em aprender para levar adiante esse conhecimento. Para ele, isso o ajudará a ter uma formação que lhe possibilite ‘passar’ sua ‘experiência’ aos seus alunos. Tal

fala parece remeter de certa forma ao modelo tradicionalista de transmissão por via oral. A segunda aluna explicita que sua expectativa em relação ao curso é adquirir conhecimentos para exercer a profissão e ser uma ‘excelente profissional’.

Em relação a essas expectativas, as respostas podem expressar que esses alunos veem no curso de Licenciatura em Química um momento para a aquisição de muito conhecimento e que tal aquisição lhe permitirá tornar-se um bom profissional ou ao menos atuar profissionalmente.

3.4 Ser Professor

Na questão “Para você, o que é ser professor?”, agrupamos as respostas em quatro categorias: Idealização; Conhecimento; Utilidade/Importante e Aptidão. A categoria que teve maior número de inferências foi “Idealização” (total de 10). A categoria “Conhecimento” teve nove inferências e a categoria “Utilidade/Importante”, cinco. A categoria “Aptidão” foi pouco apontada nas respostas, tendo apenas três inferências.

Nas inferências dentro da categoria “Idealização”, observamos que há, por parte dos alunos, um grande número de inferências (8) relacionadas à idealização da profissão escolhida.

Tabela 4: O que é ser professor?

Categoria	Subcategoria	Frequência	Fr Total
Idealização	Idealização da Profissão	8	10
	Idealização do Futuro	2	
Conhecimento	Transmissor	5	9
	Contextualiza	3	
	Portador	1	
Necessário	Formador	3	4
	Importante	1	
Aptidão	Dom	2	3
	Vocação	1	

Constatamos que, ao falar de idealização da profissão, o aluno emprega algum tipo de característica que o faz estimar a profissão e através disso alguns deles justificam o que é ser professor. Selecionamos algumas respostas que caracterizam essas idealizações da profissão:

[...] É ser o combustível de uma sociedade [...] (AM5, 2012).

[...] Ser um profissional capacitado é exercer essa profissão com respeito e dedicação [...] (AF9, 2012).

[...] É a capacidade fantástica de passar para os alunos, as pessoas, os conhecimentos aprendidos [...] (AF11, 2012).

[...] É ser o porta voz do futuro de todos, desde a criança até o adulto [...] (AF18, 2012).

Essas respostas representam a visão desses alunos a respeito do que é ser professor. Aparentemente, eles atribuem aos professores certa responsabilidade em mover a comunidade, em construir e disseminar cultura, transpor conhecimento, além de considerar os professores como pessoas capazes de falar ou representar o mundo ao seu redor.

Podem parecer ideias demasiadamente simplistas ou mesmo utópicas, mas devemos considerar que esses alunos trazem consigo concepções prévias do que é ser professor e quais são suas responsabilidades e atribuições. A partir disso, percebemos que essas percepções não se distanciam muito do que “ser professor” pode representar para a sociedade em geral, bem como a forma como esses alunos enxergam o professor: alguém capaz de propor mudanças.

Há ainda o caso de um aluno que resume o que é ser professor em uma palavra, a partir da qual idealiza seu futuro na área: "Ser um educador, pretendo lecionar para que um dia possa ser reconhecido pelo trabalho prestado" (AM17, 2012). No caso dessa fala, o aluno demonstra seu interesse em lecionar e espera algum reconhecimento por parte da sociedade. Esse reconhecimento esperado parece demonstrar o anseio pela valorização da profissão, ponto que também merece destaque quando se fala da questão "ser professor".

Constatamos que alguns dos participantes da pesquisa associam o "ser professor" como alguém que transmite conhecimentos, alguém que repassa aquilo que aprendeu. É o que revela o aluno AM13: "Um profissional que transmite parte dos seus conhecimentos para os alunos" (AM13, 2012). Esse tipo de resposta nos permite reafirmar que tais compreensões são associadas ao modelo tradicionalista de ensino como via de transmissão-recepção e que esse tipo de resposta está embasada no que esse aluno presenciou em sala ainda na educação básica. Há, portanto, a necessidade de reavaliar tais ideias para que não se perpetue um círculo vicioso dentro das escolas, e mesmo dentro das universidades, onde esses futuros professores reproduzam os mesmos métodos que vivenciaram enquanto alunos.

Embora pouco referenciado dentro da categoria "Conhecimento", alguns alunos citaram que ser professor é saber ensinar, saber explicar bem o conteúdo, saber contextualizar. Vemos isso na fala da aluna AF12: "É ser bem rigoroso se for necessário, ser prestativo a cada aluno e saber explicar bem aos alunos" (AF12, 2012). Observamos na fala da aluna AF16, o contraste entre alguém que sabe contextualizar e ainda assim sabe ser tradicional: "Alguém dedicado, que se preocupa em transmitir seus conhecimentos" (AF16, 2012). Quando a aluna responde à pergunta, passa a ideia de que o professor, além de dedicado, deve se preocupar com o conteúdo e em como transmitir isso para seus alunos. Observamos nessas respostas que são alunos que apresentam desde já a preocupação em saber como ensinar.

Em relação aos aspectos utilitários, os alunos destacam que essa é uma profissão necessária para formar outros profissionais, como exemplificado nas falas da aluna AF10: "Ser professor, é ter o trabalho mais importante que há, todos devem passar primeiro por um professor para ser algo um dia" (AF10, 2012). Isso ainda é apontado por outros alunos, que também afirmam que é através dos professores que existem outras profissões.

A categoria "Aptidão" recebeu menor número de inferências, entretanto merece atenção por apresentar respostas de alunos que citam que ser professor é uma questão de aptidão inata. Nesse sentido, demonstram o pensamento de que ser professor é um dom:

[...] É ter o dom de ensinar e adquirir conhecimentos, não só em sala de aula mas como lições de vida [...] (AF3, 2012).

[...] É um dom, que poucos têm mas muitos tentam ter [...] (AF6, 2012).

A aluna AF3 expressa que ser professor é uma questão de dom e que o mesmo permite ensinar e adquirir conhecimentos, não só da área específica de ensino (química) como também o que ela chama de "lições de vida". Isso nos leva a inferir que o professor deve estender sua relação com os alunos para além da sala de aula e para além da disciplina que leciona. Nesse mesmo sentido, a aluna AF6 aponta que há pessoas que não possuem esse dom e tentam adquiri-lo ao longo do tempo, entretanto não deixa claro se aqueles que tentam adquirir tal dom conseguem alcançá-lo durante a graduação.

Esse tipo de resposta nos leva a refletir que existe uma ideia de que os professores devem saber lidar com as mudanças sociais envolvidas em sua profissão e com o contexto da sala de aula. Para tanto, seria essencial que o professor tivesse o "dom" de ensinar e de saber lidar com situações diversas. Tais respostas podem ser reflexo da visão que se tem da docência, não como uma profissão, mas como algo que necessite de uma capacidade especial para sua atuação. Além disso, essa ideia pode reforçar a noção de que para ser professor não é preciso uma formação específica, mas apenas ter o dom. Essa é uma das questões que pretendemos elucidar com a realização das entrevistas, afinal será que outros alunos enxergam também que para ser professor é necessário ter essa aptidão inerente?

3.5 Justificativas para ser Professor

Quando questionados se pretendiam se tornar professores após a conclusão do curso e o porquê, constatamos que a maioria dos alunos (17) deseja exercer a profissão e as justificativas para tal afirmação foram as mais diversas.

A maioria dos alunos (4) que afirmou querer exercer a profissão após a conclusão do curso mostrou desejo em se tornar professor. Comparamos as respostas dos quatro alunos que assim afirmaram com as respostas dadas por eles sobre sua opção pelo curso e constatamos que dos quatro apenas um respondeu que desejava ser professor quando optou pela licenciatura. Os demais, ao optarem pela licenciatura, estavam escolhendo o curso pela área de interesse (química) e, quando afirmaram desejar se tornarem professores após a conclusão do curso, usaram outras justificativas. Vejamos o que o aluno AM8 respondeu: "Sim, por que sempre quis ser e quero levar meus estudos muito mais além" (AM8, 2012). Esse aluno apresenta vontade de ser professor após a conclusão do curso, especialmente por querer continuar estudando. Contudo, na questão sobre o motivo que o levou a optar pela Licenciatura em Química, ele aponta somente seu interesse na área. O desejo desse aluno em continuar estudando reforça sua resposta da opção pelo curso, seu interesse na área da química.

Há três inferências relacionadas à "Idealização da profissão". Em respostas a questões anteriores, dois desses alunos também fazem uma idealização do Curso de Licenciatura em Química e da imagem do que é ser professor. Essa idealização também ocorre quando eles falam em se tornarem professores após a conclusão do curso. O aluno AM5 confirma isso quando afirma que há prazer em ser professor: "Sim, porque é prazeroso passar nossa sabedoria para nossos semelhantes" (AM5, 2012). Essa afirmação levanta a questão: Ser professor é prazeroso, entretanto seria esse um motivo para escolher tal profissão? Vemos essa idealização da profissão também nas falas da aluna AF16. Essa aluna faz a seguinte afirmação sobre o porquê se tornaria professora após a conclusão do curso: "Sim, pois ensinar é uma forma de transformar. O professor faz isso com seus alunos, transforma o aluno em alguém com princípios" (AF16, 2012). Tais respostas vêm ao encontro da visão que esses alunos possuem do professor como indivíduo que constrói cultura e a partir disso transforma o mundo a sua volta. Enxergam no professor, como dito anteriormente, alguém capaz de propor mudanças.

Os demais alunos responderam que desejam se tornar professores devido ao fato de gostarem da profissão; por quererem transmitir o que aprenderam ao longo do curso; por essa ser a profissão escolhida; por acreditarem que estarão preparados/capacitados para exercer a profissão e por se identificarem com o curso.

Aqueles alunos que afirmaram não querer se tornar professores, ou que apresentaram dúvida em relação a isso, responderam que gostariam de exercer outra atividade. A aluna AF6 não deseja se tornar professora e justifica o fato por querer trabalhar em pesquisas laboratoriais: "Não, pois pretendo fazer parte de pesquisas em laboratórios, descobrir novos elementos, novas fórmulas, etc." (AF6, 2012). Essa aluna, entretanto, revela, em respostas anteriores, que optou pela Licenciatura em Química por querer transmitir/passar o que aprendeu e que ser professor é uma questão de dom. Percebemos aí uma contradição, afinal ela afirma ter optado pela licenciatura por querer transmitir o que aprendeu, contudo, posteriormente, afirma que não deseja ser professora e sim trabalhar em laboratório. Levantamos para esse caso as seguintes perguntas: Afinal, qual motivo a fez optar pela licenciatura? Ou ainda, seria o caso de essa aluna não ter o dom ao qual se referiu?

Essas respostas levantam mais dúvidas que certezas e nos movem a novos questionamentos. Esse tipo de situação demonstra a necessidade da realização de entrevistas para explicitar e compreender os demais significados existentes nas respostas desses alunos.

Tabela 5: Justificativas para seguir ou não a profissão.

Categoria	Subcategoria	Frequência	Fr Total
Sim	Desejo de ser professor	4	17
	Idealização da Profissão	3	
	Gostar da Profissão	3	
	Transmitir conhecimentos	2	
	Profissão Escolhida	2	
	Preparado/Apto	2	
	Identificação com o Curso	1	
Não	Exercício de outra Atividade	2	2
Depende	Exercício de outra Atividade	1	1

4. CONCLUSÃO

A partir da pesquisa, foi possível verificar que há um número considerável de mulheres entre os alunos informantes que ingressaram no curso no período 2012/2 e que esses alunos, em sua maioria, são jovens que não trabalham e que concluíram o Ensino Médio próximo ao ano em que prestaram vestibular.

As respostas referentes à opção pelo curso evidenciam que os informantes definem sua escolha através da identificação/afinidade com a área da química. Há os alunos que justificam sua escolha pelo curso de Licenciatura em Química, baseados na idealização da área. Essa idealização se apresenta, em parte, no desejo que o aluno tem de trabalhar em laboratório, associando à química como uma área que trata especificamente de experimentos.

Os alunos baseiam suas expectativas em relação ao curso na aprendizagem que será possibilitada através do mesmo, demonstrando interesse em conhecer cada vez mais a área escolhida e enxergando no curso de Licenciatura em Química um momento de significativa aquisição de conhecimentos que possibilitará o exercício de suas futuras atividades, ou seja, a maioria espera atuar como docentes e apenas três esperam estar exercendo outra atividade. Outros associam suas expectativas às aulas experimentais, revelando uma visão estereotipada do que seja a atuação da área da química e poucos expressam como primeira resposta a vontade de ser professor. Entretanto, mesmo o desejo de ser professor não sendo o principal motivo pela escolha da licenciatura, a maioria responde que deseja se tornar professor após a conclusão do curso. Nesse caso, justifica essa resposta de diversas maneiras, muitas das quais de forma simples e algumas apontam questões sobre o porquê de contradições entre o motivo de opção pelo curso e o desejo de se tornar professor, após a conclusão do curso.

No que diz respeito às ideias sobre o “ser professor”, constatamos que esses alunos trazem consigo concepções iniciais que o fazem idealizar a profissão ou mesmo o futuro dentro da mesma e que esses informantes ainda acabam por associar o “ser professor” como alguém que transmite, alguém que passa seus conhecimentos. Isso nos levou a inferir que são ideias associadas ao modelo tradicional de ensino. Observamos ainda que pouquíssimos alunos apontam que ser professor é uma questão de dom, de modo que alguns nascem com esse dom e outros tentam “aprendê-lo” com o tempo.

Com base no levantamento e na análise dessas respostas, podemos identificar a existência de concepções simplistas por parte desses ingressantes sobre o que é ser professor. A construção da identidade docente é um tema que merece atenção de professores e futuros professores por permitir que o conhecimento e a problematização de assuntos ligados ao processo de construção da identidade docente ampliem a visão do que é ser professor e do que é a docência. Esperamos, assim, que esse tipo de discussão possa permitir a reformulação de ideias iniciais que podem vir a ser reproduzidas em sala de aula.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIIC pela bolsa concedida, através da qual foi possível a realização da pesquisa, ao PIBID e PRODOCÊNCIA por estabelecerem os diálogos necessários para que fosse possível trabalhar e efetivar a pesquisa.

-
1. Maldaner, O. A. A pesquisa como perspectiva de Formação Continuada do Professor de Química. *Revista Química Nova*, vol. 22, n.2. São Paulo Mar./Abril. 1999.
 2. Quadros, A. L. et Al. Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória. *Ensaio pesq. Educ. Ciência*, Belo Horizonte, vol. 7, n. 1, ago. 2005. Disponível em: <<http://ufmg.br/ensaio>>. Acesso em: 25 de mai. 2010.
 3. Lopes, E. T. A construção identidade na docência em Química. In: Gomes, C. M. S.; Ennes, M. A.. (Org.). *Identidades: teoria e pratica*. Aracaju: Editora UFS, 2008, v. 1, p. 140-152. (a)
 4. Maldaner, O. A. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química professor/pesquisador. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
 5. Echeverría, A. R.; Zanon, L. B. (Orgs.) *Formação Superior em Química no Brasil: Práticas e Fundamentos Curriculares*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2010.
 6. Catani, D. B., Bueno, B. A. O.; Sousa, C. P. “O amor dos começos”: Por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*. Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000.
 7. Lopes, E. T.; Silva, G. M.; Brito, A. S. B.; Santana, R. O. Reflexões acerca dos professores de memória e opção pelo curso dos acadêmicos de licenciatura em química e licenciatura em geografia. In: *II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, 2008, Aracaju. *Anais...*, Aracaju, 2008. p. 1-12. CD-ROM. (b).
 8. Zanon, D. A. V.; Oliveira, J. R. S.; Queiroz, S. L. O “saber” e o “saber fazer” necessários à atividade docente no ensino superior: visões de alunos de pós – graduação em química. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, vol. 11, n. 1, jun de 2009.
 9. Lima, M. E. C. C. Formação Continuada de Professores de Química. *Química Nova na Escola*, n.4, p.12-17, 1996.
 10. Lüdke, M.; André, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. EPU, 1986.
 11. Bardin, L.. *Análise de Conteúdo Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro*. Lisboa, Portugal: Editora Edições 70, Março 2009, p. 61-68.
 12. Gil Pérez, D.; Montoro, I. F.; Alís, J. C.; Cachapuz, A.; Praia, J. Para uma imagem não deformada do trabalho científico *Ciência & Educação*, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001.